

Discurso de agradecimento
Renata Flaiban Zanete
Prémio Mário Quartin Graça 2024

Hoje é um dia de muita emoção.

Em 2017, quando atravessamos o oceano, de São Paulo-Brasil para Portugal, em família, eu, meu companheiro de vida e arte Fabiano Assis, que está aqui comigo; e o nosso filho Téó, com 11 anos àquela altura, não imaginávamos tudo o que iríamos construir e conseguir em solo europeu. Sabíamos que vínhamos para estudar, e mesmo não tendo familiares portugueses, logo fomos bafejados pela sorte, o carinho e o apoio de familiares de amigos de lá, cidadãos portugueses que residem aqui. Não sabíamos quanto tempo iríamos ficar, e já lá vão sete anos.

Todos os meus bisavós imigraram da Itália para o Brasil, muito provavelmente, fugindo da pobreza e em busca de uma vida melhor.

A minha avó Verônica, mãe da minha mãe, aprendeu a ler por teimosia. Era criança e empregada doméstica numa casa de família. Escondida da patroa, de maneira autodidata, aprendeu a decifrar as letras nos jornais que circulavam pela casa.

A minha avó Angelina, mãe do meu pai, eu não cheguei a conhecer. Ela faleceu em 1970, aos 49 anos, após 13 partos. Lavava roupa para fora e tem a fama de ter sido uma mulher muito trabalhadeira.

A minha mãe, embora tenha apenas o 4º ano de escolaridade, sempre nos incentivou, a mim e aos meus dois irmãos, a estudar, ler, ouvir música e rádio, cuidar das plantas e das pessoas...

Realizei todo o meu doutoramento sem bolsa de estudos. Trabalhei como atriz, contadora de histórias, professora, técnica de teatro, dramaturga e diretora teatral, ao longo do processo de pesquisa e escrita da tese. Dediquei a ela algumas férias e incontáveis finais de semana. Desde o ritual da defesa, em 2022, tenho produzido e

publicado uma série de artigos, sem nenhum tipo de remuneração, movida pela paixão ao conhecimento, à pesquisa acadêmica e artística.

A notícia do prêmio Mário Quartin Graça surpreendeu-me. Eu não estava mesmo à espera e ele vem em boa hora. Hoje, a sensação é de ter realizado uma grande viagem e, finalmente, ter alcançado um belo porto.

Neste ano de 2024 comemoramos os 50 anos da Revolução dos Cravos, da Universidade do Minho, e 39 anos do fim da ditadura no Brasil. Constatamos que as democracias, e não só a Portuguesa e a Brasileira, precisam muito ser fortalecidas, quiçá reinventadas, face ao constante reacendimento de correntes autoritárias, muitas vezes de pendor fascista, que insistem em crescer, principalmente por meio das redes (des)informação.

Tanto Lygia Bojunga como Alice Vieira, as autoras cujas obras eu estudei, no meu Doutoramento, viveram as ditaduras em seus países, Brasil e Portugal. A defesa da liberdade sobressalta em suas escritas, em contraposição aos sofrimentos e constrangimentos impingidos às personagens, pelos sistemas autoritários, as desigualdades e a ordem patriarcal. Alice diz: “Eu invento muito pouco”, e Lygia, por sua vez: “Desde o meu primeiro livro venho buscando o coloquial, a oralidade”.

Tive a possibilidade de entrevistar Alice Vieira aqui, em Lisboa, e visitar o Sítio Boa Liga, mantido pela Fundação Casa Lygia Bojunga, na região serrana do Rio de Janeiro. Durante o processo da pesquisa, ri, chorei e refleti com as 30 obras literárias, 15 de cada uma das autoras.

Sei que estas oportunidades todas, felizes, que eu tive, de contato com a literatura, suas autoras, e a dimensão cidadã, infelizmente, em muitos e diferentes espaços geopolíticos, hoje, serão negadas, a milhares de meninas-adolescentes, porque calhou a elas estarem em lugares de guerra; por terem sido violadas e ainda assim serem obrigadas a sustentar uma gestação indesejada; por serem proibidas de frequentar a escola ou a Universidade; por serem atingidas por balas “perdidas”...

Considero-me uma pessoa privilegiada. Assim como as meninas literárias que eu estudei, estas meninas de carne e osso lutam por suas vidas e identidades.

Na continuidade deste diálogo com o vivido, e chegando no agora, passo das palavras que escolhi para fazer este breve histórico de um percurso, para o momento atual.

Agradeço às autoras Lygia Bojunga e Alice Vieira, pelas obras literárias que escreveram, sem as quais esta investigação não existiria.

Às minhas orientadoras, Ana Gabriela Macedo e Sara Reis da Silva, pelo companheirismo, rigor e liberdade ao longo da pesquisa. Agradeço ao Centro de Estudos Humanísticos e ao Grupo de Investigação em Género, Artes e Estudos Pós-coloniais, da Universidade do Minho.

Agradeço ao meu companheiro Fabiano e ao meu filho Téo, pela paciência no percurso, e pelas ricas sugestões. Aos meus pais, que estão no Brasil, e à saudade deles, sempre presente.

Às amigas que têm me acompanhado ao longo da vida, algumas delas desde a adolescência. A todas as pessoas que aqui estão.

Agradeço, finalmente, à Comissão Julgadora do Prémio Mário Quartin Graça e toda a equipa da Casa da América Latina, pelo prémio que hoje me concedem, e pela valorização que representa, para uma área de pesquisa que carece de mais e melhores investimentos.

Muito obrigada.